

# EXISTÊNCIA E/OU RESISTÊNCIA? O FAZER ANTROPOLÓGICO E O USO DO SISTEMA DE ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA PÓS-GRADUAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

José Carlos Almeida da Rosa<sup>1</sup>

## Resumo

Diante do aparecimento do vírus SARS-CoV-2, os seres humanos precisaram modificar o seu modo de viver e se relacionar. Medidas em caráter de urgência global foram necessárias de ser implementadas para que a humanidade conseguisse sobreviver a uma das maiores crises sanitárias da história. Essa situação de caos impactou a sociedade em larga escala, seja no que tange aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, biológicos, entre outros, como por exemplo, no campo científico, em específico, no que condiz ao fazer antropológico. Neste artigo, que contempla um estudo desenvolvido no período de disseminação do coronavírus no Brasil, ou seja, entre meados de março de 2020 até abril de 2021, procuro mostrar que estratégias precisei utilizar para dar continuidade em uma pesquisa de mestrado que estava sendo realizada dentro de duas casas noturnas LGBTQIA+ de Belém a partir do

---

<sup>1</sup>Bacharel em Comunicação Social. Mestre e Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). Integra os grupos de pesquisa “Homens, Gênero e Saúde” e “Comunicação, Consumo e Identidade - Consia”. E-mail para contato: jcarlosalmeida.rosa@gmail.com.

método de observação participante. Além disso, discuto sobre os desafios, dificuldades e problemáticas de fazer uma Pós-Graduação por meio do sistema de ensino remoto emergencial (ERE), em um cenário de calamidade e incertezas.

**Palavras-chave:** Vírus SARS-CoV-2; Fazer antropológico; Coronavírus no Brasil; LGBTQIA+; Pós-Graduação.

## 1. INTRODUÇÃO

Com o surgimento da pandemia de Covid-19 no Brasil, em março de 2020, a população precisou se adaptar de forma emergencial a um novo modo de viver de acordo com uma série de recomendações de segurança estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O objetivo, no entanto, era atrasar a disseminação do vírus pelo país e evitar o colapso dos sistemas de saúde devido à alta demanda de pessoas na busca por leitos para o tratamento da doença.

Enquanto não era possível achar a cura, os seres humanos precisaram seguir as quatro principais recomendações: o uso de máscaras de proteção respiratória; manter as mãos higienizadas (neste caso poderia ser por meio da lavagem com água e sabão ou utilizando álcool em gel 70%); a necessidade de manter um distanciamento físico de no mínimo 1 ou 2 metros; e evitar locais com aglomerações.

No Pará, mais precisamente nas cidades de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara do Pará, por duas vezes<sup>2</sup>, o governo do Estado em parceria com as prefeituras municipais, precisou utilizar de medidas mais restritivas, como foi o caso da implementação da suspensão de atividades consideradas não essenciais - *lockdown*, por causa do alto índice de pessoas contaminadas nas regiões e a superlotação de leitos de UTI para o tratamento de Covid-19.

No entanto, ainda que durante o período de *lockdown* (bandeiramento preto), não tenha ocorrido uma fiscalização rigorosa por parte do poder público no que tange: às

---

<sup>2</sup> O primeiro decreto de *lockdown* ocorreu em maio de 2020, disponível em: <https://www.sistemas.pa.gov.br/sisleis/legislacao/5578>. Acesso em: 14 de julho de 2021. O segundo ocorreu em março de 2021. Ver mais em: Belém e mais quatro municípios da RMB entram em lockdown para conter a Covid-19, disponível em: <http://www.saude.pa.gov.br/belem-e-mais-quatro-municipios-da-rmb-entram-em-lockdown-para-conter-a-covid-19/>. Acesso em: 14 de julho de 2021.

aglomerações dos indivíduos nas ruas, dentro dos transportes coletivos e nos diversos estabelecimentos comerciais que não cumpriam as regras; o Estado, que também não alcançou a porcentagem mínima de 70% de isolamento<sup>3</sup>, conforme era o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS); e a não ocorrência do aumento no índice de pessoas infectadas e internadas na cidade; o governador do Pará em conjunto com os prefeitos dos municípios citados anteriormente, decidiram pelo término do *lockdown* e o retorno ao bandeiramento vermelho<sup>4</sup> na Região Metropolitana.

Segundo Caponi (2020), ainda que os governadores dos Estados brasileiros tivessem adotado e incentivado o isolamento social para conter a disseminação do vírus Covid-19, por parte do Governo Federal ocorria o contrário, houve um desestímulo de tal iniciativa. Além disso, o autor ressalta outras problemáticas como: a inexistência de uma boa coordenação em um momento de crise sanitária no país; a disseminação de notícias falsas/contraditórias; e a falta de um plano financeiro para ajudar as pessoas mais necessitadas. Essas situações dificultaram o controle da propagação da doença no Brasil.

Diante desse cenário de crise sanitária mundial, nós - pesquisadores de todas as áreas científicas, mas neste caso, em particular, os que desenvolvem estudos antropológicos a partir de vivências dentro dos campos e que trabalham por meio de processos de sociação<sup>5</sup>, não paramos as nossas pesquisas, pelo contrário, tivemos que nos reinventar e adaptar os estudos conforme a nova realidade que a sociedade se encontrava, pois conforme Barth (2000), devemos estudar/observar os nossos objetos de pesquisa com base na vida tal como ela é, em diferentes contextos, considerando que qualquer local pode ser uma forma de provocação para a teoria antropológica.

Neste artigo, procuro contar um pouco sobre as minhas vivências enquanto pesquisador/antropólogo/etnógrafo, tanto dentro quanto fora de campo. A experiência aqui

---

<sup>3</sup>Ver mais em “Uma semana após lockdown, Belém registra terceira queda consecutiva na taxa de isolamento social”, disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/14/uma-semana-apos-lockdown-belem-registra-terceira-queda-consecutiva-na-taxa-de-isolamento-social.ghtml>. Acesso em: 08 de junho de 2021.

<sup>4</sup>O bandeiramento vermelho estava relacionado aos municípios paraenses com alto risco de transmissão da Covid-19 e baixa capacidade de resposta do sistema de saúde.

<sup>5</sup>Compreendo o termo sociação a partir de Georg Simmel (2006), que o entende como a base da sociedade, na qual refere-se as diversas formas que os indivíduos utilizam para realização de seus interesses de forma conjunta. A sociação, portanto, propicia uma emissão ou recepção, seja de forma física, como por meio da influência do outro.

documentada surge a partir do meu processo final de estudo em campo no mestrado, que ocorreu por meio do método de observação participante dentro de duas casas noturnas LGBTQIA+<sup>6</sup> de Belém, tema que abordei em minha dissertação que atravessou o antes e o durante a pandemia do coronavírus no mundo. Aproveito, também, para tecer um relato/provocação sobre as dificuldades de cursar uma Pós-Graduação em Ciências Humanas no Brasil pandêmico e as problemáticas relacionadas ao modelo de ensino remoto emergencial (ERE).

## **2. O CAMPO NÃO PAROU E A PESQUISA NÃO PODE PARAR:**

### **2.1 A necessidade e a dificuldade do fazer antropológico durante à pandemia de Covid-19**

Para escrever a minha pesquisa do mestrado precisei dividi-la em três momentos: o primeiro, ocorreu no mês de outubro de 2019, durante a 18ª Parada do Orgulho LGBTI<sup>7</sup> de Belém. O segundo, que foi realizado dentro de duas casas noturnas LGBTQIA+ belenenses e, portanto, as inserções em campo correspondem aos últimos meses de 2019 até fevereiro de 2020, período em que qualifiquei o trabalho. E o terceiro e último momento foi durante a pandemia, em janeiro de 2021.

Na terceira etapa do estudo resolvi voltar para dentro de uma das boates que pesquisava, porque senti a necessidade da continuação da coleta de dados em campo para o desenvolvimento do trabalho. No decorrer do ano de 2020, percebi que seria interessante vivenciar, coletar e escrever sobre como funcionavam os processos de sociação de homens gays na noite belenense durante um dos períodos mais difíceis de disseminação do coronavírus na região norte, em específico, na capital paraense. O campo, portanto, não havia parado e os novos dados precisavam ser coletados e interpretados.

---

<sup>6</sup>A sigla se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e outras diversas possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero. Desde os anos de 1990 os ativistas da causa vêm buscando adaptações para a sigla conforme as diversas formas de orientações sexuais e de identidades de gêneros existentes. O símbolo de “+” adicionado ao final condiz como uma forma de representar outros indivíduos que não se sentem incluídos nas letras da sigla. Em 2018, na Inglaterra, ativistas incorporaram mais letras tornando-se LGBTQQICAPF2K+.

<sup>7</sup>Aqui utilizo a sigla LGBTI referente à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis e Intersexo, porque foi a forma que os organizadores da Parada do Orgulho, o Grupo Homossexual do Pará - GHP, utilizaram durante o evento.

Penso e concordo com Mariza Peirano (2014) quando ela diz que a antropologia é uma ciência espiralada, aberta e acumulativa que se renova intelectualmente constantemente. Portanto, os dados que coletamos em campo são fatos que nos possibilita reescrever a história antropológica e modificar o olhar do pesquisador no que diz respeito a um contexto. Assim, voltar no local da pesquisa e compreender as novas formas de vivências em uma pandemia iria gerar novos saberes e teorias.

Mesmo que o período para frequentar festas, bares, shows e casas noturnas fosse de alto risco, eu não poderia perder o *timing* do cenário pandêmico, pois o trabalho atravessou o antes e o durante a disseminação da doença a nível mundial. “Dessa maneira, documentar essa experiência, por mais insegura que fosse, seria algo interessante que serviria de registro para um futuro sobre os estudos de sexualidade dentro de boates gays durante um momento histórico que a sociedade belenense viveu” (Rosa 2021:14).

Porém, resolver voltar à campo considerando que estava colocando não apenas a minha vida em perigo, mas também a vida dos meus pais que moram comigo e que são do grupo de risco, não foi tarefa fácil. Precisei, primeiramente, me preparar psicologicamente e ponderar as tragédias que poderiam ocorrer após passar a noite dentro de uma das boates pesquisadas. Assim, foram exatos quatro longos meses de preparação psicológica e com um estudo de observação participante completamente parado, pois não tinha como continuar a interpretação de uma realidade da qual não estava vivenciando, pelo motivo óbvio: a necessidade de ficar em casa por causa de um vírus que colocava a vida da humanidade em risco.

De acordo com Ribeiro (2020), podemos considerar essa sensação de risco como: “a nova classe de medo global”, que pode ser definida como “todo temor totalizante sentido por todos os habitantes de um coletivo, na expectativa de uma enorme quantidade de mortes que potencialmente ou de fato atingirá a todos e acabará o mundo conforme foi conhecido até um determinado momento” (Ribeiro 2020:1). O autor diz que esse sentimento surgiu junto com a pandemia de Covid-19.

No que tange a exposição ao “risco”, Beck (2006) diz que no período das Grandes Navegações essa situação estava relacionada a questões pessoais no que corresponde a “coragem” e à “aventura”, tais aspectos eram percebidos a partir dos sentidos como: o olfato,

a visão e a audição. Na contemporaneidade, esse risco ocorre em escalas globais, pois ameaçam a sobrevivência da vida no planeta Terra em suas diversas formas de manifestação. E, de acordo com Mary Douglas (1976), só podemos entender sobre esse risco a partir de um contexto e de uma perspectiva cultural, pois a forma que iremos nos prevenir condiz com o local onde os indivíduos estão inseridos.

O meu intuito era retornar à observação participante logo que o primeiro *lockdown* terminasse, por volta de meados de agosto de 2020, período em que as casas noturnas voltaram a funcionar em Belém, porém, não consegui. Foi apenas em janeiro de 2021 que criei coragem e, também, considerando a necessidade/pressão de finalizar o curso de mestrado que não pausou mesmo em meio a um caos social, sanitário e hospitalar, que resolvi retornar.

Antes de ir até umas das boates, procurei conversar com um dos meus interlocutores que já havia frequentado a casa noturna durante esse período pós *lockdown* para saber como estava funcionando dentro do local, se deveríamos usar a máscara (uma pergunta que parecia óbvia, mas que achei importante ser feita); se havia aglomeração; se estavam seguindo as regras de higienização; horário de funcionamento da boate; entre outros questionamentos que envolviam as normas determinadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e os decretos estaduais/municipais. Na ocasião, o rapaz respondeu que estava tudo funcionando normalmente, nada havia mudado.

Ao ficar sabendo disso fiquei assustado, mas não tinha para onde fugir, o campo não parou (e não para), a pesquisa precisava ser finalizada e para isso eu necessitava retornar aos locais do estudo para observar de perto essa situação que parecia ser surreal, considerando a quantidade de pessoas que estavam morrendo e sendo internadas nesse período por causa do vírus SARS-CoV-2. Tal situação de crise sanitária global era importante de ser interpretada pelas Ciências Humanas, principalmente, para os estudos antropológicos, pois:

O primeiro ponto a ser considerado é o da qualidade. A antropologia costumeiramente treina as suas pesquisadoras e pesquisadores com métodos qualitativos. Assim, números, casos, estatísticas ou prevalências têm rosto, trajetória e biografia para as suas pesquisas. Eles partilham experiências e compõem ambientes singulares. Então, a pandemia precisa ser considerada como uma experiência vivida nos corpos e nas sensibilidades coletivas. Cada experiência conta; faz história. E nós seguimos essas histórias e aprendemos com elas. (Segata 2020:01)

No dia da pesquisa de campo, que ocorreu em um sábado, cheguei por volta das 22:00 horas na casa noturna localizada no bairro do Umarizal<sup>8</sup>, com uma máscara de tecido de algodão preta<sup>9</sup> e, logo na entrada, percebi que a boate não seguia as normas da OMS, pois não havia aferição de temperatura ao entrar no estabelecimento; os funcionários não estavam utilizando máscaras; não foi oferecido álcool em gel 70% para as pessoas que chegavam na danceteria - neste momento preciso ressaltar que “só havia três potes de álcool em gel no local - um em cima da bancada do bar e os outros dois nos banheiros” (Rosa 2021:98-99); e na pista de dança não havia qualquer tipo de distanciamento físico, como é possível perceber na foto a seguir.

---

<sup>8</sup>Bairro considerado como um dos mais caros da cidade de Belém, no qual os casarões antigos deram lugar a uma considerável quantidade de edifícios e na década de 1990 se tornou um dos locais de socialização noturna para pessoas pertencentes das classes sociais A e B.

<sup>9</sup>Na época, ainda não tínhamos o costume e a informação de utilizar máscaras do tipo PFF2/N95, que possuem uma proteção maior contra o vírus. Normalmente, esses modelos eram usados dentro dos hospitais pelos profissionais da saúde, principalmente, os que estavam trabalhando na linha de frente do tratamento de pessoas com a Covid-19.

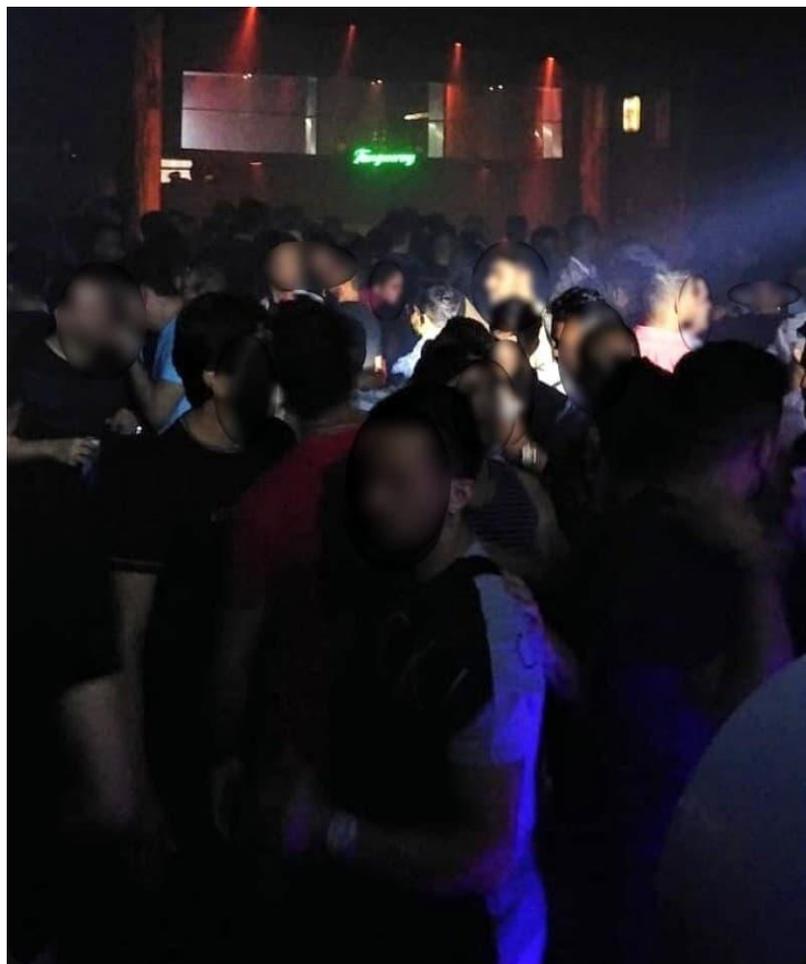


Figura 1 – Pista de dança na casa noturna pesquisada durante a pandemia da Covid-19. Foto: José Carlos Rosa (2021)

Dentro da casa noturna, num momento em que eu estava parado, procurava ficar o mais próximo da porta de saída (local com menos aglomeração), algumas vezes aproveitava para circular nos outros ambientes que estavam funcionando<sup>10</sup>, pois precisava observar como estava se formando os processos de socialização nos locais. Para me proteger e preservar a saúde dos outros frequentadores da casa, optei por manter o uso da máscara, álcool em gel nas mãos e tentava ficar um pouco distante das pessoas.

---

<sup>10</sup>A casa possui 9 ambientes diferentes, por causa da pandemia, estavam funcionando apenas 6 (o fumódromo, a sala de descanso, o espaço de tirar foto, a pista de dança e os dois camarotes).

O meu planejamento era ir às duas casas noturnas que pesquisava<sup>11</sup>, porém, adoeci logo após fazer o campo na primeira boate. Como não tive sintomas fortes e que eram relacionados a doença, não fui fazer o teste<sup>12</sup>, apenas me isolei. O meu objetivo era ir na segunda casa noturna assim que melhorasse, mas como houve um aumento significativo de pessoas infectadas na região metropolitana de Belém, foi proibido o funcionamento de bares, shows e festas, conforme determinou o Decreto Estadual 800/2020, publicado no Diário Oficial do Estado (DOE), no dia 21 de janeiro de 2021.

## 2.2 O “novo” modo do fazer antropológico

Diante de um novo *lockdown* anunciado pelo governo do Estado do Pará, a pesquisa ainda não estava pronta, faltava a coleta de dados da segunda casa noturna e ela estava fechada, a solução então foi recorrer à internet e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). Decidi utilizar aplicativos de mensagens de celular e observar as redes sociais digitais da boate para conseguir as informações que necessitava.

No caso do uso das conversas por aplicativo, contei com a ajuda dos interlocutores que havia conhecido no início do campo (em meados de novembro de 2019), e que frequentaram a segunda boate pesquisada desde o momento em que ela voltou a funcionar após o primeiro *lockdown*, ou seja, em agosto de 2020. Os rapazes responderam algumas questões que formulei com base na minha vivência dentro da primeira boate que havia pesquisado duas semanas antes.

Para ter acesso as fotos das pessoas na casa noturna, saber como ela estava funcionando no que diz respeito ao distanciamento físico e/ou se havia ocorrido alguma mudança no próprio local como houve na outra paisagem<sup>13</sup> pesquisada, decidi entrar nas

---

<sup>11</sup>Uma das boates era localizada no bairro do Umarizal e a outra no bairro da Batista Campos, ambas na cidade de Belém do Pará.

<sup>12</sup>Nessa época, por causa da baixa quantidade de testes disponíveis nos sistemas de saúde e a alta demanda de pessoas infectadas, só era feito o teste em quem estava com casos mais graves. Os indivíduos que tinham sintomas leves, a indicação era ficar isolado em casa.

<sup>13</sup>Neste trabalho, compreendo o conceito de paisagem a partir de Christopher Tilley (2006, 2014) e Flávio Silveira (2004, 2009, 2013), que interpretam o conceito a partir da ideia de que os sujeitos, as suas histórias, os seus sentimentos, práticas sociais e movimentos, constituem as paisagens. Essas paisagens também podem ser entendidas como processos culturais, não estáticos, ou seja, que estão em constantes modificações.

redes sociais digitais oficiais da casa e utilizar *hashtags* com o nome da boate. Dessa forma, consegui coletar os dados que precisava e, conseqüentemente, constatar que a segunda boate também não seguia as regras estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Miller e Horst (2015) que desenvolvem estudos sobre a Antropologia Digital, compreendem que a materialidade é a base do fazer antropológico no mundo virtual a partir da infraestrutura/tecnologias digitais, do conteúdo e do contexto online. Portanto, uma das preocupações da ciência antropológica é recusar a ideia de que o meio digital seja visto apenas como um artifício ou uma tecnologia, pois, na verdade, trata-se de uma cultura normativa que nos auxilia na compreensão e conceituação do ser humano na contemporaneidade.

De acordo com Miller e Horst (2015), podemos compreender que a antropologia é uma das poucas ciências que não consegue se tornar obsoleta, porque ela tem a possibilidade de imergir dentro do contexto digital. E é justamente por isso que os dois autores afirmam que a história da disciplina mal começou.

Isso se confirmou durante o período de pandemia, pois mesmo em meio ao caos de uma crise sanitária e hospitalar mundial, alguns/algumas pesquisadores/pesquisadoras antropólogos/antropólogas que realizavam/realizam pesquisa em campo, precisaram recorrer a esse novo modelo e método de pesquisa, adequando o fazer antropológico a partir das plataformas virtuais para que os seus estudos não fossem mais prejudicados (ainda que tivessem sido bastante transformados), tanto no que tange ao conteúdo, como também no tempo certo de execução e entrega do trabalho<sup>14</sup>.

### **3. NOSSAS CASAS SE TORNARAM SALAS DE AULA**

#### **3.1 As problemáticas e possibilidades das plataformas digitais durante o período do ensino remoto emergencial (ERE)**

Além do processo de nos submetermos ao risco realizando pesquisa de campo em locais insalubres como o citado acima, nós - pesquisadores e pesquisadoras/pós-graduandos

---

<sup>14</sup>No meu caso que se tratava de um curso de mestrado, o tempo estipulado para o desenvolvimento da pesquisa era de 24 meses.

e pós-graduandas, também precisávamos cumprir com os créditos das disciplinas dos cursos de mestrado/doutorado.

Dessa forma, em caráter de urgência, tivemos que nos adaptar ao formato de ensino remoto, aprender a lidar com as tecnologias que não estávamos acostumados e reinventar o modo de aprender considerando as dificuldades que nos eram impostas diariamente, como por exemplo: ter um local que fosse adequado, confortável e silencioso (essa situação do silêncio era/é quase impossível em casas pequenas com vários membros da família morando no mesmo local e também em bairros mais periféricos<sup>15</sup>); possuir um equipamento adequado (computador de mesa/notebook/*smartphone*) para assistir as aulas; saber manusear esses equipamentos; ter acesso a uma internet boa e de qualidade; entre outros elementos, inclusive no que se refere à saúde mental.

Estendo esse olhar aos docentes que precisaram modificar as suas dinâmicas e horários de trabalho, se capacitar conforme as novas demandas tecnológicas e lidar com a pressão feita pelo próprio sistema de ensino/administrativo das universidades, pois:

A transição abrupta do ensino presencial para o remoto, num contexto de medo e preocupação devido ao novo coronavírus, trouxe uma série de novos desafios aos professores. Expondo a categoria docente a diversas situações e pressões das instituições escolares referentes ao manuseio das tecnologias que busca pela inovação de ensino que garanta o envolvimento e aprendizagem dos alunos, o que reverbera no adoecimento mental (Oliveira & Costa 2021, 39195).

Entre as outras problemáticas que também estão presentes nessa nova configuração de aprendizado, cito sobre os nossos lares se tornarem sala de aula - faço uma reflexão disso não apenas a partir de um olhar enquanto discente, mas também, penso em todos os docentes, no qual não há um limite geográfico do que é casa, universidade e local de trabalho, assim a paisagem se tornou uma só.

Em algumas situações tivemos que adaptar os móveis ou algum compartimento da casa para ter uma melhor luz, som, acesso à rede de Wi-Fi, diminuição de ruídos externos, entre outras coisas. Diante disso, havia uma confusão de onde começava e onde terminava o ambiente residencial/universitário.

---

<sup>15</sup>Falo isso enquanto morador do bairro do Jurunas, localizado na periferia de Belém, pois sofro constantemente com essa situação complicada de ruídos e barulhos externos.

Com toda essa transformação/movimentação provocada pelo novo formato do ensino, a nossa intimidade - nossas casas, foram “abertas” para todos (pessoas que podemos considerar como “estranhas”, visto que não fazem parte do nosso círculo familiar, apenas universitário). Os gastos com a companhia de energia também aumentaram por causa do uso dos aparelhos tecnológicos sendo utilizados por várias horas e diariamente. Se antes não precisávamos nos preocupar com isso, pois utilizávamos as estruturas oferecidas pelas universidades, agora quem paga a conta de luz somos nós, portanto, um gasto a mais no orçamento.

Há, também, a dificuldade de conseguir separar/conciliar os afazeres domésticos e horário de serviço com os horários das disciplinas que não seguiram o mesmo horário do presencial (algumas disciplinas são ministradas de manhã, outras pela parte da tarde e até mesmo no turno da noite), para quem não possui o auxílio de uma bolsa de estudos na Pós-Graduação, precisa trabalhar para sobreviver e pagar as suas contas que só aumentaram durante esse período de pandemia, essa aleatoriedade nos horários das aulas é ainda mais complicada.

Diante das problemáticas já mencionadas, é importante reconhecer que por meio das plataformas digitais, tivemos mais oportunidades de participarmos de eventos científicos que foram promovidos por diversas instituições de ensino do Brasil e de fora do país, sejam eles pagos ou gratuitos.

Se antes da pandemia, normalmente por falta de dinheiro, muitas vezes ficávamos impossibilitados de irmos até os outros estados e/ou países para participarmos e apresentarmos as nossas pesquisas, durante esse momento pandêmico, as plataformas digitais foram essenciais para que pudéssemos nos aproximar, discutir e trocar ideias com pesquisadores do mundo inteiro. Além da modalidade presencial, penso que essa estrutura de evento *online* poderia ser adotada após esse caos que estamos vivendo.

3.2 É preciso resistir: os desafios das Ciências Humanas e o papel do/da antropólogo/antropóloga durante um governo federal negacionista

Diante de algumas problemáticas expostas sobre a necessidade de termos um local físico e adequado para conseguirmos assistir aula; há também a pressão dos prazos acadêmicos; a necessidade de produção incessante do conhecimento, baseada em um sistema de educação que não estava/está preparado para lidar com momentos de crise humanitária, no qual o principal intuito deveria ser, em primeiro lugar: a sobrevivência da humanidade; e em segundo, prezar pela saúde mental dos/das pesquisadores/pesquisadoras que ano após ano são desvalorizados no Brasil – e isso só aumentou com o atual governo federal que não incentiva o saber, despreza a ciência, corta as bolsas de pesquisa, sucateia as universidades de todo país, inferioriza e ataca, principalmente, as Ciências Humanas.

Sem dúvidas, o nosso papel enquanto pesquisador e pesquisadora da ciência antropológica, principalmente durante o período pandêmico, governado por um chefe de estado negacionista que desde quando iniciou o seu mandato buscou inferiorizar/silenciar os estudos produzidos nas áreas das humanidades, foi o de resistência.

Resistência para manter viva a antropologia durante as idas à campo no meio do caos, colocando as nossas vidas em risco. Resistência a partir das adaptações e transformações que as nossas pesquisas precisaram passar, como por exemplo, sobrevivendo por meio dos poucos dados presentes nas plataformas digitais sociais. Resistência contra os cortes das verbas para o desenvolvimento de nossas pesquisas. Resistência contra os frequentes ataques nas Ciências Humanas. E resistência por não desistirmos de um sistema educacional que está ultrapassado, é preconceituoso, excludente e elitista.

Mais do que uma crise, sabemos que o desmonte da Ciência, da tecnologia, da inovação e da educação pública no Brasil é, na verdade, um projeto, no qual a pandemia do coronavírus só veio “escancarar” essa realidade para o mundo. Porém, nós – antropólogos e antropólogas da Amazônia, seguiremos assim: resistindo, porque possuímos um compromisso com os nossos povos e as suas narrativas que precisam existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao medo; a luta por sobrevivência; a dor do luto; a pressão de fazer uma Pós-Graduação durante um dos períodos mais difíceis da humanidade; a falta de equipamentos adequados; ter locais acessíveis para estudarmos/pesquisarmos; e diante de um sucateamento da educação pública no Brasil; nós – pesquisadores e pesquisadoras de todas as áreas, mas particularmente da ciência antropológica, tivemos que resistir para continuarmos existindo.

Esse momento de caos social, sanitário e hospitalar, mostrou a importância e a responsabilidade do nosso papel enquanto antropólogos e antropólogas para com a sociedade brasileira e com os nossos diversos povos da Amazônia, pois mesmo em meio as dificuldades do período que corresponde a maior pandemia que já houve no Brasil, não paramos de produzir e desenvolver os nossos estudos que beneficiaram e beneficiarão a todos.

Neste artigo, mostrei de que forma precisei adaptar um estudo que estava sendo desenvolvido a partir do método de observação participante dentro de casas noturnas LGBTQIA+ de Belém e que coincidiu com o surgimento da Covid-19 em todo o planeta. Além da questão do medo de se expor ao risco, havia a necessidade de finalizar uma pesquisa que estava em pleno desenvolvimento de campo antes de surgir a pandemia. Para isso, antes de voltar nas boates, me preparei psicologicamente quatro meses antes, para enfrentar um risco e considerar alternativas que iriam me ajudar a realizar o trabalho de forma mais segura possível.

O objetivo era voltar nas duas casas noturnas que estava pesquisando, no entanto, como adoeci e semanas depois surgiu um Decreto Estadual que voltou a proibir o funcionamento das festas no Estado, só consegui voltar em uma boate. A alternativa que encontrei para seguir com a pesquisa e não prejudicar ainda mais o seu andamento, foi recorrer às Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), que naquele momento foram essenciais para conseguir coletar os dados que necessitava.

Além disso, no decorrer do texto problematizo a forma com que a Pós-Graduação precisou se ajustar ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), a qual compreendo que possa ter

sido a melhor forma que as instituições de ensino encontraram para não prejudicar ainda mais os alunos e não exceder o tempo de conclusão dos seus cursos de graduação, mestrado/doutorado, porém, não podemos deixar de problematizar que tal formato é elitista, excludente e traz várias dificuldades, desafios e obstáculos físicos/tecnológicos, que também reverberam no adoecimento mental dos discentes e docentes.

Todas as provocações expostas neste estudo são breves considerações do que foi o fazer antropológico, resistir para continuar existindo, durante esse período sombrio da nossa história no Brasil, seja por causa da pandemia de Covid-19, como também diante do sucateamento da educação pública e das tentativas de silenciamento das Ciências Humanas no país.

## Referências

- Barth, F. 2000. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In *o guru, o iniciador e outras variações antropológicas* 25-67. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Beck, U. 2006. *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós.
- Caponi, S. 2020. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Revista Estudos Avançados* (34):209-224.
- Douglas, M. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- Miller, D., e H. A. Horst. 2015. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia Digital. *Parágrafo* (2):91-111.
- Oliveira, E. C. de., e V. M. dos Santos. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. *Brazilian Journal of Development* 7 (4):39193-39199.
- Organización Mundial de la Salud (OMS). 2021. *Coronavirus*. Disponível em [https://www.who.int/es/health-topics/coronavirus/coronavirus#tab=tab\\_1](https://www.who.int/es/health-topics/coronavirus/coronavirus#tab=tab_1). Acesso em 15 de setembro de 2021.
- Pará (Estado). 2020. Decreto N° 729, de 5 de maio de 2020. [Dispõe sobre a suspensão total de atividades não essenciais (lockdown)]. *Diário Oficial do Estado do Pará: Poder Executivo, Pará, ano 130, n. 34.209, p. 4-5, 07 maio. 2020*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1rW20B7tm8E3vfCBRu2hJzxSEzsLc4iSE/view>. Acesso em 15 de setembro de 2021.
- Pará (Estado). 2021. Decreto N° 800, de 31 de maio de 2020. [Institui o Projeto RETOMAPARÁ, dispondo sobre a retomada econômica e social segura, no âmbito do Estado do Pará]. *Diário Oficial do Estado do Pará: Poder Executivo, Pará, ano 130, n. 34.467, p. 4-6, 21 jan. 2021*. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/18RLDqAZwJz1v\\_nTTICeNvEB2pkCU-QBr/view](https://drive.google.com/file/d/18RLDqAZwJz1v_nTTICeNvEB2pkCU-QBr/view). Acesso em 15 de setembro de 2021.
- Peirano, M. 2014. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos* (20):377-391.

- Pinto, C. R. J. 2020. As ciências e o conhecimento como ameaças. Boletim n. 14 Cientistas Sociais e o coronavírus. Data da publicação: 06/04/2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2326-boletim-n-14-as-ciencias-e-o-conhecimento-como-ameacas>. Acesso em 25 de junho de 2021.
- Ribeiro, G. L. 2020. Medo Global. Boletim n. 5, Cientistas Sociais e o coronavírus. Data da publicação: 26/03/2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2311-boletim-n-3-as-ciencias-sociais-e-a-saude-coletiva-frente-a-atual-epidemia-de-ignorancia-irresponsabilidade-e-ma-fe-3>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.
- Rosa, J. C. A. da. 2021. “Homens héteros não costumam usar esse tipo de combinação”: consumo, paisagens e sensibilidades entre gays de Belém, Pará. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Segata, J. 2020. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. Boletim n. 2 Cientistas Sociais e o coronavírus. Data da publicação: 23/03/2020 Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2307-boletim-n-1-cientistas-sociais-o-o-coronavirus-2>. Acesso em 15 de junho de 2021.
- Silveira, F. L. A. da. 2004. Paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. 2009. A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar, in: \_\_\_\_\_; e C. D. Cancela. (Org.). Paisagem e Cultura: Dinâmicas do patrimônio e da memória na atualidade, pp. 71-83. Belém: EDUFPA.
- \_\_\_\_\_, e M. C. M. G. da. Rocha. 2013. O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* (8):169-182.
- Simmel, G. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Tilley, C. 2006. Introduction: identity, place, landscape and heritage. *Journal of Material Culture* (11):7-32.
- \_\_\_\_\_. 2014. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica* (8):24-62.